

O escotismo não é só para rapazes, e também não apenas para héteros

Rebeca Pizzi Rodrigues

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

A Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME) é uma ONG, de educação não-formal, possui 115 anos de existência e impacta 54 milhões de pessoas no mundo. Promove o desenvolvimento de jovens, desde os seis anos, incentivando-os a serem protagonistas, criando uma fraternidade mundial, sendo um dos maiores movimentos de jovens do mundo. Fundado pelo militar inglês Baden-Powell em 1907, chegou ao Brasil em 1910, se movimentando nos 115 anos que passaram desde a sua criação, perdendo parte de suas características militares, para estrutura principal de base educacional não-formal (UEB, 2021).

E para o título deste trabalho, faço uma analogia ao livro “Escotismo Para Rapazes” (1908), escrito por Baden-Powell. Ele foi lançado em 6 fascículos de jornais, lançados quinzenalmente, e depois reunidos em um livro e publicado em 1908 (POWELL). Tratou-se dos motivadores para a criação do escotismo em si, em virtude do seu sucesso aos jovens rapazes da época. Contudo, como o título, o escotismo foi criado destinado apenas a homens. E levando o contexto social da época, onde homossexualismo na Inglaterra era considerado crime, então pode-se dizer que se tratava de um movimento exclusivo para homens héteros. Com a insistência de garotas querendo fazer parte, foi criada o Movimento Bandeirante, destinada apenas a mulheres. As primeiras tropas de guias surgiram em 1910, na sequência sua irmã Agnes Baden-Powell escreveu o Manual de Guias (1912). Então em 1917 foi oficializada, sendo uma instituição paralela ao Movimento Escoteiro (SANTOS, LESSA, SANTANA, 2011). Atualmente, tanto o Movimento Bandeirante como o Movimento Escoteiro são para homens e mulheres. Neste sentido, trago o conceito de escotismo de Eduard Vallory (2012):

Atualmente, o escotismo é hoje o maior movimento educacional juvenil do mundo, abrangendo 30 milhões de crianças e jovens em 165 países dos cinco continentes. Seu propósito é contribuir para o autodesenvolvimento dos jovens na realização de seus plenos potenciais físicos, intelectuais, sociais e espirituais como indivíduos, como cidadãos responsáveis e como membros de suas comunidades locais, nacionais e internacionais. E isso acontece com um movimento de voluntários que opera através de uma rede mundial de grupos locais, pertencentes a associações escoteiras nacionais, vinculadas a duas organizações mundiais – a Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME) e a Associação Mundial de Guias e Escoteiras (WAGGGS - World Association of Girls Guides and Girls Scouts) – ambos baseados nos

No Brasil, esse processo de Coeducação do Movimento Escoteiro, ou seja, da inclusão das meninas e mulheres, iniciou por volta dos anos 80, e trazendo seu conceito:

A co-educação é um processo pelo qual meninos e meninas, rapazes e moças vivenciam um plano educacional para um melhor e mais harmônico desenvolvimento da personalidade, favorecendo a educação recíproca de uns pelos outros e levando em consideração as realidades locais e pessoais. Isto tendo presente os fins e o método do Escotismo. A co-educação não é, portanto, simplesmente uma questão de reunir crianças e jovens de ambos os sexos. (SUFFERT, 1980, p.1)

Conceito este definido nos anos 80, hoje, a Organização Mundial do Movimento Escoteiro traz um conceito mais aperfeiçoado para a definição e compreensão para a coeducação:

O Escotismo adota a coeducação como uma abordagem que visa desenvolver ambos os sexos igualmente, tendo em vista a individualidade de cada pessoa e as características da sociedade em que ela vive. Atende às necessidades educacionais de meninos e meninas, jovens homens e jovens mulheres, e seu Programa adapta-se às diferentes faixas etárias. Uma abordagem coeducacional não implica que jovens de diferentes gêneros tenham que participar de todas as atividades juntos.

A coeducação ajuda a promover o respeito e a compreensão mútuos entre os gêneros e prepara os jovens para a integração na sociedade atual. Ao viver em um ambiente misto com os valores escoteiros no centro de seu programa, os jovens tornam-se modelos de conduta na sociedade e lideram o caminho para estabelecer respeito e trocas construtivas entre pessoas de diferentes gêneros, etnias, idades, religiões, identidades, capacidades, experiências ou conhecimentos. Em sociedades nas quais a norma é a separação por gênero, nada impede que uma Organização Escoteira Nacional ofereça Escotismo a ambos os gêneros em ambientes separados. (OMME, p. 14, 2019.)

E neste conceito da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (OMME) há uma abertura para além do binarismo de gênero de homem-mulher, como também para outros recortes de diversidades, como outras sexualidades, além da heterossexualidade. E a partir da inclusão efetiva das mulheres no Movimento Escoteiro, outros recortes de diversidades começaram a ter espaço de forma ampla, para um escotismo para todas as pessoas, sem distinções.

Com a efetivação da inclusão das mulheres no Movimento Escoteiro, abriu-se espaço para “outro” fazer parte, no sentido de outro aquele oposto ao homem, para qual inicialmente o escotismo fora criado. Não chegando a 50 anos a inclusão de mulheres no escotismo Brasileiro.

E a partir disso, outros recortes de diversidades começaram a ser parte também, e é

um lugar para poder chamar de sua tribo. Passei por todos os Ramos - Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro - e tive meu processo de "saída do armário", ou seja, a identificação de ser uma mulher lésbica, com expressão de gênero queer, enquanto estava no final do Ramo Pioneiro, em 2011.

Contudo, um grande marco para uma manifestação objetiva de que o escotismo Brasileiro é para todos, incluindo pessoas homossexuais, ocorreu a partir de 2013.

Em 2013, diante do Posicionamento dos "Boys Scouts of America - BSA", instituição escoteira dos Estados Unidos da América, a época exclusiva para pessoas do sexo masculino, afirmando que no escotismo praticado lá, adultos voluntários declaradamente homossexuais não eram permitidos, somente jovens homossexuais. Assim surgiu a necessidade das instituições escoteiras dos países se manifestarem sobre o assunto. Alguns anos depois, a partir de manifestações contrárias a essa regra de exclusão, em 2015, a resolução de proibição foi retirada. Diante dessa contingência, a UEB realizou um Posicionamento Institucional sobre Homoafetividade. Neste posicionamento, os Escoteiros do Brasil afirmaram que o ME é aberto a todos e nenhum tipo de preconceito e intolerância eram aceitos. Publicado em 2015, o posicionamento tornou-se um dos grandes marcos dos Escoteiros do Brasil sobre a temática LGBTQIAPN+, se posicionando como Instituição Escoteira, de que o escotismo brasileiro é aberto para todos, independente de seus gêneros e sexualidades:

O Conselho de Administração Nacional apresenta o Posicionamento dos Escoteiros do Brasil em relação ao tema:

- 1) A homofobia, bem como qualquer outro tipo de discriminação, é contrária aos princípios escoteiros de tolerância e respeito às diferentes formas de pensar, sendo portanto, um comportamento que exige medidas educativas por estar em desacordo com os princípios e os valores do Movimento Escoteiro;
- 2) Observada a Política de Proteção Infantojuvenil dos Escoteiros do Brasil, as relações homoafetivas e heteroafetivas são respeitadas no Movimento Escoteiro, tanto para membros juvenis, quanto para os voluntários adultos;
- 3) O tema faz parte da ampla temática dos Direitos Humanos, sendo abordado no Programa dos Ramos Lobinho, Escoteiro, Sênior e Pioneiro, de forma diferenciada, própria para cada faixa etária e com material de apoio adequado;
- 4) O tema faz parte do conteúdo de cursos de formação de adultos, permanentemente revisto e adaptado às novas realidades. (UEB, 2015).

O Escotismo tem em sua essência, o discurso de ser para todas as pessoas, mas na prática, por um reflexo da sociedade, a população queer acabou não sendo tão bem-vinda.

No ano seguinte, em 2016, com o Tema Anual dos Escoteiros do Brasil: "Diversidades que

trabalhada com as pessoas associadas ao movimento. A motivação pelo Tema Anual e pela pauta das Diversidades de Gênero gerou embates e discussões entre os grupos do Rio Grande do Sul.

O Movimento Escoteiro sempre apresentou a diversidade como um dos elementos de sua composição. Alcançando quase todos os países do mundo, com suas diferentes características, forma uma fraternidade com grande diversidade entre seus membros. É justamente este alcance que torna o Escotismo um instrumento importante para o entendimento entre as pessoas, na busca de um mundo melhor. (UEB, 2016).

A existência de pessoas diversas sempre foi presente no escotismo, uma vez, que está presente na sociedade. Porém, nem sempre assumidas para seus pares, pelo medo de preconceitos e outros tipos de repressão. E a partir desses movimentos em relação ao tema, começou a estruturar equipes de diversidades, tanto em nível nacional quanto regional.

É nesse contexto que propiciou e começou o projeto de visibilidade da Equipe Regional de Diversidades em novembro de 2016, e desde então sou responsável pela iniciativa. Com a oficialização da Equipe e definição dos eixos de atuação (Equidade de Gênero; Diversidade de Gênero; Questões Raciais e étnicas; e Diversidades Sociais), começamos a realização de oficinas de capacitação para os membros da equipe, e posteriormente, a todos os associados da região escoteira do RS. Além disso, houve a participação da equipe em eventos estratégicos, como Congressos Regionais, Encontros de Formação de Ramos e Distritos Escoteiros.

De início, alguns associados estavam receosos com o tabu do tema, porém, se apoiaram na equipe para entender a realidade dos seus jovens, se capacitando e aprendendo sobre as diversidades para atendê-los de forma mais plena e acolhedora. Com o desempenho da Equipe do RS, em 2019 fui chamada a fazer o processo de criação da Equipe Nacional de Diversidades, me tornando a primeira coordenadora Nacional de Diversidades dos Escoteiros do Brasil. Destacando dois trabalhos desenvolvidos durante essa gestão, o qual trabalhei com a DEN (Diretoria Executiva Nacional dos Escoteiros do Brasil) na criação de uma resolução (04/2021) de utilização de nome social na União dos Escoteiros do Brasil, como também de dentro dos nossos sistemas de registro, de forma obrigatório, perguntarmos para os associados sua raça/cor, dentre diversos outros projetos desenvolvidos. Minha vivência, como escoteira e como uma pessoa queer, se cruzaram, e meu espaço de atuação, tanto militante como política pelos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ se fizeram, principalmente, dentro do Escotismo.

E essa abertura do movimento escoteiro brasileiro não é apenas uma demanda dos jovens e adultos, diversos ou não, que fazem parte dele, mas também um alinhamento do programa educativo do movimento escoteiro com pautas sociais vinculadas a Direitos

O Movimento Escoteiro é um movimento de educação não-formal, cuja proposta educativa está focada em “Educar para a Vida” por meio do desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes. Nosso propósito é transformar os jovens em cidadãos ativos, que sejam úteis em suas comunidades e ajudem a construir um mundo melhor. Nesse contexto, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são essenciais para que possamos atingir nossa proposta educativa. (UEB, Escotismo e Desenvolvimento Sustentável, 2024).

Assim, faz parte de todo esse arcabouço educacional do escotismo, a valorização e educação para os Direitos Humanos. E isso, acaba sendo também um importante pilar basilar para as questões de diversidade sexual e de gênero serem trabalhadas. Sendo possível traçar uma linha cronológica Mundial e Nacional do escotismo, acerca de assuntos ligados a diversidade, dos últimos 10 anos:

- 2014 - 40ª Conferência Mundial Escoteira (Eslovênia) - Inclusão do trabalho de Direitos Humanos no programa educativo, com fomento para trabalho de diversidade.
- 2015 - Posicionamento Institucional sobre Homoafetividade - Escoteiros do Brasil (Resolução CAN 2014).
- 2015 - Criação da Política Regional de Inclusão e Acessibilidade do Rio Grande do Sul
- 2016 - Criação da Primeira Equipe de Diversidades dos Escoteiros do Brasil - Região do RS.
- 2016 - Criação da Primeira Equipe de Inclusão e Acessibilidade dos Escoteiros do Brasil - Região do RS.
- 2016 - 26ª Conferência Interamericana (Estados Unidos) - fomento da criação da Política Interamericana.
- 2016 - Política Interamericana de Diversidade e Inclusão.
- 2016-2021 - Planejamento Estratégico dos Escoteiros do Brasil (Diversidade e Inclusão - Valores Institucionais).
- 2017 - 41ª Conferência Mundial Escoteira (Azerbaijão) - diversidade pontuada novamente como ponto estratégico.
- 2017-2020 - Plano Trienal do Comitê Mundial Escoteiro - Diversidades e Inclusão premissa.
- 2017 - Diversidade e Inclusão no Escotismo - Documento de Posição da OMME.
- 2018 - 27ª Conferência Interamericana (Panamá) - Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres na Região Interamericana como estratégia.
- 2019 - Diretrizes para Diversidade e Inclusão no Escotismo - OMME.

escoteiras de MG e SP.

- 2021 – Criação da Resolução (DEN 4/2021) que define o uso do nome social na União dos Escoteiros do Brasil (UEB)
- 2021-2024 - Plano Trienal do Comitê Mundial Escoteiro com o objetivo estratégico voltado ao fortalecimento da Diversidades e Inclusão.
- Planejamento Estratégico 2022-2025 (Escoteiros do Brasil) - Com o marco estratégico de Acessibilidade, Diversidade e Inclusão.

Trata-se de pouco tempo uma atuação mais direcionada a questões LGBTQIAPN+, e havendo uma restrição e cuidado a nível mundial, por haver países onde há escotismo e é proibido ser assumidamente LGBTQIAPN+

Trazendo conceitos a cruzamento com a prática do escotismo, podemos afirmar que a heterossexualidade não é vista como diferente, e sim é a norma que passa a ser invisível/natural, não tendo discussões acerca da própria existência como tal, o que faz com que pessoas que não se "encaixam" na norma, hoje em dia intitulados *queer*, ganhem holofotes e sejam entendidas como erradas, o outro como negativo, o excêntrico (SEFFNER, 2013). A autora Guacira Louro (2009), entre outras e outros teóricos, define essa naturalização como heteronormatividade. É um processo resultante do alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade relacionado "à produção e à reiteração compulsória da norma heterossexual" (p.90), partindo do princípio de que o ser "natural" das coisas é a pessoa hétero. Dagmar Meyer (2013, p.17), analisa que a categoria de gênero tenta romper com tudo que se refere ao sexo ser determinado como "inato e essencial", e assim poder "argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens" são social e culturalmente construídas, não definidas pelo sexo biológico. A heterossexualidade é o centro, e o que está fora disso é o marginal/excêntrico (MEYER, 2013). E aquilo que transpassa o masculino e feminino, normativos, são colocados em crises quando surgem as transições de gênero e as afirmações de gênero não binárias, que saem do binarismo homem-mulher de existência (PRECIADO, 2022, p. 80).

E Dagmar Meyer também traz importantes pontos que temos que nos ater quando estudamos gênero, que também conectam quando passamos para estudos queer. Atéporque, não há como falar de questões LGBTQIAPN+ sem falar de gênero. Sendo estes pontos de atenção que a autora traz sobre:

1) Primeiro: que gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em xeque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto às hierarquias e desigualdades delas decorrentes.

2) Segundo: que nada é 'natural', nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e resulta de disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso,

Para chegar na problematização da validação, ou não, da existência de pessoas que saem do recorte binário heterossexual homem-mulher, é necessário passar pelas relações de gênero presentes nisso, trabalhado nos estudos feministas, que trazem um contexto político do gênero feminino ser menos que o masculino. E tudo aquilo que se afasta do “ser homem” é negativo, menos, incapaz. Judith Butler traz isso, no seu livro Problemas de Gênero:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2010, p.20).

Vivemos em uma sociedade patriarcal-hétero-cis-normativa, ou seja, o poder centrado na mão de homens, deduzimos como “natural” que todas as pessoas sejam héteros, e que nascem cisgêneros – que se identificam com o sexo/gênero que foi designado ao nascer para elas. Tudo que rompe com esse padrão social imposto, é o estranho. Então ao não ser hétero, tenho que afirmar e provar que sou gay, ao não se identificar com meu gênero, tenho que me provar e lutar para um respeito a identidade de gênero que de fato eu sou. Tudo envolto com muita violência, lutas e direitos muitos frágeis, que dependendo do nível de privilégio, são ou não garantidos.

Da mesma forma como no ambiente escolar, podemos fazer analogia para dentro do ME, as ordens de discurso em todas as estruturas reforçam a heteronormatividade. E essas relações determinadas dos saberes e das verdades impostas no discurso, paradoxalmente, deixam aparente essas relações de poder, sendo essa invisibilidade/naturalização a estratégica para a eficiência do discurso. (LOURO, 2009). E neste ponto, é importante trazer Foucault e o que tange as relações de poder:

Se a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível; e em troca, se poder pôde tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos. (FOUCAULT, 2020, p. 107).

Trazendo também o Dispositivo de Sexualidade trabalhado por Foucault:

O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas

vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.
(FOUCAULT, 2020, p. 116).

Segundo Seffner (2013, p.150) "questões relativas à diversidade de gênero e sexualidade andam de braços dados na escola - assim como na sociedade em geral - com os valores morais e religiosos", sendo um problema que atinge o Movimento Escoteiro de forma igual. E "esse modelo binário e dicotômico, é entendido como natural e para muitos parece estar na 'ordem das coisas', o que faz com que indivíduos que não se reconheçam neles sejam percebidos como doentes, desviantes, perturbados, transtornados" (SEFFNER, 2013, p.150).

Como na escola, o Movimento Escoteiro é um local de manifestação da diversidade de orientações sexuais, como também o de ser homem e mulher (SEFFNER, 2013), de acordo com os padrões impostos pelo discurso da ordem. Com toda questão geracional bem marcada, com uma educação baseada no aprender-fazendo e nesse convívio intergeracional que tendem a ter formas distintas de viver o próprio gênero e todas as possibilidades de sexualidade, identidade de gênero, orientação sexual, expressão e tantas outras possibilidades de existência.

Até o momento realizei o estudo do estado de conhecimento sobre "Movimento Escoteiro" e tudo que se aproxima ao tema e posso dizer que há pouca produção acadêmica sobre escotismo no Brasil e, menos ainda sobre escotismo e população *queer*. Aldenise Santos (2017), defendeu sua dissertação sobre gênero e ME, e reforça que há pouco material de abordagem teórica sobre escotismo, principalmente sobre a inserção das mulheres quanto às subjetividades do ME. Na pesquisa que realizei na BDTD, com o marcador "Escotismo", sem restrição de datas, encontram-se apenas 69 resultados. E ao retirar os assuntos que não são conectados ME, o número chegou em 41 teses e dissertações. E nenhum deles exclusivamente sobre pessoas *queer*, dentro da comunidade LGBTQIAPN+.

Além do estudo bibliográfico, na parte empírica, será um questionário online, um focado em participantes do Movimento Escoteiro da Região Sul, de jovens (a partir de 18 anos) e adultos voluntários. Como também dois grupos focais, com participantes variados, para através dessas entrevistas, compreender a perspectiva delas sobre a sua própria existência como parte dessa comunidade para aqueles que assim se reconhecem, e, a perspectiva daqueles que fazem parte do padrão heteronormativo, e que se atravessam com a presença daqueles que são diferentes de si. Além de uma autoetnografia, para o início dessa jornada, pois a minha vivência como escoteira, e os recortes que eu possuo - mulher e lésbica, foram os marcadores que me trouxeram até aqui.

E sim, reafirmando o que está no título deste trabalho, atualmente, o Movimento Escoteiro é pra *todes*, todos e todas. E a partir dessa afirmativa e esses estudos, estou

pesquisando como isso se desenvolve e acontece, através da fala daqueles que pertencem a “este outro”.

REFERÊNCIAS

Baden-Powell, R. S. S. (2006). *Escotismo para rapazes* (Scouting for Boys). (A. Vilhena; L. C. S. Horn, Trad.) Curitiba, Editora União dos Escoteiros do Brasil.

Brasil. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (2023). *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*. Base de dados que contém as teses e dissertações defendidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa. Brasília. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

Butler, J. (2010). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. (3 ed.). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira.

Foucault, M. (2020). *História da Sexualidade 1: a vontade do saber* (10 ed.). Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.

Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e Homofobia. In R. D. Junqueira (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

Meyer, D. E. (2013). Gênero e Educação: teoria e política. In G. L. Louro; J. Felipe; S. V. Goellner (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. (9. ed., pp 11-29). Petrópolis, Editora Vozes.

Organização Mundial do Movimento Escoteiro. (2019). *As características essenciais do escotismo*. Brickfields, World Scouts Bureau Inc. Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/04/As_caracteristicas_essenciais_do_escotismo.pdf

Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (1 ed.). Rio de Janeiro, Editora Zahar.

Santos, A. C.; Lessa, L. L.; Santana, A. F. T. (2011). Mulheres nas tropas escoteiras: um movimento para pensar a co-educação no Escotismo. In *COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE*, 5., São Cristóvão. Anais eletrônicos. São Cristóvão, EDUCON. Disponível em <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10511/25/139.pdf>.

Seffner, F. (2013). Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa USP*. 39, 145-159, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100010>.

Ruffert, R. (1980). *A co-educação na região interamericana*. Brasília, União dos Escoteiros do Brasil.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil (2023). *Mundo*. Disponível em: <<https://www.escoteiros.org.br/mundo/>>.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil (2023). *Brasil*. Disponível em: <<https://escoteiros.org.br/escoteiros-do-brasil/>>.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil (2015). *Posicionamento Institucional sobre Homoafetividade*. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Posicionamento_oficial_sobre_homoafetividade.pdf>.

UEB – União dos Escoteiros do Brasil (2016). *Sempre Alerta: informativo eletrônico* (1. Ed.). Disponível em https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/sa_201602.pdf.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil (2020). *Insígnia ElesPorElas*. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Documento_insi%CC%81gnia_elsesporelas-2.0-V4.pdf>.

UEB - União dos Escoteiros do Brasil (2021). *Resolução DEN 4/2021 - Nome Social*. Disponível em: <<https://www.escoteiros.org.br/downloads/resolucao-den-04-21/>>.

UEB – União dos Escoteiros do Brasil (2024). *Escotismo e Desenvolvimento Sustentável*.
Disponível em: https://www.escoteiros.org.br/escotismo-e-desenvolvimento-sustentavel/?doing_wp_cron=1706935941.9647428989410400390625

Vallory, E. (2012). *World Scouting: Education for Global Citizenship*. Camdem, Editora Palgrave Macmillan.